

## O VESTUÁRIO E OS ESTEREÓTIPOS DE LASCIVIDADE PARTINDO DAS VIVÊNCIAS DE JOVENS NEGRAS

*Clothing and stereotypes of lasciviousness based on the experiences of young black women*

Santos, Kírya; Graduada; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,  
kirya@alunos.utfpr.edu.br.<sup>1</sup>

Matté, Lívia Laura; Doutora; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,  
liviamatte@utfpr.edu.br<sup>2</sup>

**Resumo:** A moda é um agente social que desempenha diversas funções no escopo indivíduo-sociedade. Consequentemente, entende-se que a projeção de estereótipos no corpo social afeta a moda e o seu instrumento: o vestuário. Esta pesquisa pretende compreender a possível relação entre o vestuário e o estereótipo da lascividade aplicado às jovens negras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná do campus Apucarana e construir um estudo politizado que valorize as suas narrativas por meio da pesquisa teórica e da metodologia de grupo focal.

**Palavras chave:** Roupas; Mulher negra; Sexualização.

**Abstract:** Fashion is a social agent that plays various roles within the individual-society scope. Consequently, it is understood that the projection of stereotypes onto the social body affects fashion and its instrument: clothing. This research aims to understand the possible relationship between clothing and the stereotype of lasciviousness applied to young Black women at the Federal University of Technology - Paraná, Apucarana campus, and to construct a politicized study that values their narratives through theoretical research and the focus group methodology.

**Keywords:** Cloth; Black woman; Sexualization.

### Introdução

Esta pesquisa investiga a relação entre o vestuário e o estereótipo da lascividade em mulheres negras, destacando a influência histórica e social desses estereótipos arraigados na sociedade. A análise parte da urgência de discutir o estigma de lascividade atribuído à mulher negra, figura historicamente submetida a papéis de subalternidade e hipersexualização, uma vez que ‘as histórias do vestir que ganham mais visibilidade e possibilidade de pesquisa e divulgação são as brancas’ (NEGREIROS, 2021, p.131).

Trata-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa destinado ao Trabalho de Conclusão de Curso, cujos procedimentos envolvem a realização de um Grupo Focal para coletar dados diretamente das

---

<sup>1</sup> Graduada em Tecnologia de Design de Moda na UTFPR e fundadora do Coletivo Negro Ydile.

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia Têxtil pela Universidade do Minho. Mestre em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Gestão de Design pela UEL e docente na UTFPR no Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda.



experiências de nove jovens estudantes negras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná do Campus Apucarana. Este foi realizado na sala H002 da própria instituição, com duração de 90 minutos, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Campus Curitiba. Elas são mulheres graduandas autodeclaradas negras de 18 a 29 anos diversas em regionalidade, religiosidade, questões socioeconômicas e orientação sexual — informações apuradas pelo questionário sobre seus perfis demográficos. Além disso, foram discutidas quatro perguntas sobre a relação do vestuário com a figura da mulher preta e o estereótipo de lascividade.

Os dados coletados foram interpretados através do método de Análise do Discurso, com inclinações para os estudos de Pêcheux (1995). Eles foram transcritos com o auxílio do *software* **Descript** e sintetizados por meio da interpretação dos códigos presentes nas narrativas das voluntárias e pela busca dos padrões de comunicação em seus relatos de acordo com os objetivos previstos para a pesquisa. A finalidade deste estudo é compreender substancialmente a interseção entre a identidade racial da jovem negra, os estereótipos de lascividade e a moda/vestuário perpassando, então, pelas motivações psicológicas e pelas edificações socioculturais — especialmente as abordagens brasileiras ou afro-brasileiras.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade histórica de dar voz às narrativas provenientes das mulheres negras, pois como discursou a ativista e autora Djamilia Ribeiro (2017) no TEDx, ‘A necessidade de voz é a necessidade do humano, [...] de nós, enquanto mulheres negras, podermos ser respeitadas do jeito que a gente é. Porque essa voz que nos desumaniza, que nos coloca em lugares ou da subalternidade ou da exotização precisa ser quebrada’.

Apreende-se que a mulher negra foi considerada ‘alvo fácil’ para a escravatura e para a exploração, o que restringe, até hoje, a posição das mulheres negras a um universo de sexismo e racismo (HOOKS, 1981, p.18). Um lugar onde tais discriminações são estruturais e naturalizadas de forma que se enfraquecem as suas narrativas.

Entende-se também que a moda, como recurso de comunicação atrelado à produção e ao consumo de mídia, é efetivamente afetada pelas escalas de poder. Em uma sociedade onde o fluxo de recursos de comunicação de massa descende da hierarquia estabelecida pelo sistema de classes sociais capitalista, é inevitável a predominância nas classes mais baixas os estigmas alimentados pelas classes dominantes (SANTOS, 2015).

Assimila-se com a revisão bibliográfica a presença eminente de autoras afrocentradas como Hooks (1981) e Negreiros (2021). Abordagens sociológicas que entendem o papel da raça e do gênero no contemporâneo como Santos (2020) e alinhamentos oriundos da psicologia na moda com os estudos de Leal (2022). Ademais, destaca-se a relevância de bases teóricas provenientes de Lélia Gonzalez (2020) e Beatriz Nascimento (1987).

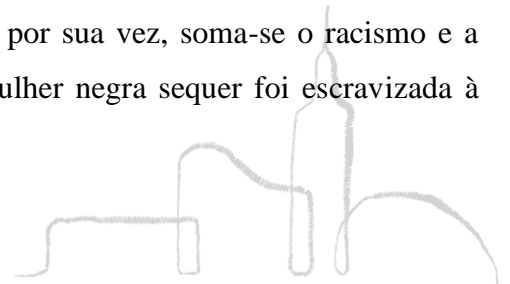
### **O retrato da mulher negra**

Em Casa Grande & Senzala, Freyre (2003, p.218) cita um manifesto escravocrata colhido por Joaquim Nabuco: ‘a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador’, referindo-se ao ventre da mulher negra. Desumanizada e reduzida à força laboral e sexual desde a época colonial, seu corpo foi visto como propriedade não só do senhor escravista, mas de todo o sistema escravocrata, reverberando a concepção de apropriação e posse do corpo da mulher negra até a atualidade.

Ao examinar a forma como a mulher preta foi e segue sendo interpretada na sociedade e de que formas são criadas determinadas expectativas em relação a sua forma de vestir, percebe-se que não houve e segue não havendo a possibilidade para alternâncias de posicionamento de estilo. Nota-se que em livros referenciais de moda, a exemplo História da Moda no Brasil de Gilda Chataignier (2010), a figura das mulheres negras é retratada, apenas, através do comportamento de estilo estereotipado no inconsciente coletivo. No livro, a realidade da mulher preta é imobilizada à seguinte condição: ‘as negras escravas usavam com muita graça enormes argolas de ouro (...). Essas joias podiam ser oferecidas por senhores brancos, que, de forma oculta, mantinham romances com belas escravas’ (CHATAIGNIER, 2010, p.65). Essa narrativa romantiza as problemáticas do sujeito em questão e o atraca ao estado de submissividade e libidinagem, demonstrando como o protagonismo da história da mulher negra não pertence a ela.

Em uma sociedade colonialista e capitalista, estereótipos são tomados como fundamentos naturalizados (SANTOS, 2020). Cercando as jovens pretas no Brasil, são naturalizados os estigmas aplicados pela mídia de massa, pela cultura e pelo inconsciente coletivo que criam um lugar social conveniente aos parâmetros patriarcais e racistas. Isto é, um lugar de ‘subalternidade, sensualidade, simplicidade, ignorância, irritabilidade e por vezes selvageria’ (SANTOS, 2020, p.51-52).

A sexualização das mulheres sob as rédeas de uma sociedade sexista é indiscutível. O regime machista se dá com a opressão do feminino em prol não só da dominação do homem cisgênero, como de seu prazer — o que leva à sexualização da mulher, retirando-a da condição de indivíduo à condição de mulher-brinquedo (objeto) do agente (BOYD; GOLDENBERG; MORRIS, 2018). Às mulheres pretas, por sua vez, soma-se o racismo e a desumanização. Abaixo de todos os grupos de poder na sociedade, a mulher negra sequer foi escravizada à



condição de objeto; ela foi desumanizada e considerada incompatível com a condição dita como a de mulher (HOOKS, 1981).

Esta representação data dos períodos colonial e imperial quando a sensualidade era construída no imaginário do leitor a partir da produção da imagem da mulher negra (destaca-se a origem africana) como ‘insinuante’ na forma de vestir (NEGREIROS, 2021, p.137). O padrão de vestimenta mais decotado, menos conservador e descentralizado dos moldes das cortes europeias, isto é, o exótico para o patriarcado branco, foi utilizado por ele como instrumento de sexualização da mulher negra.

Há uma certa ‘lascividade’ no vestir dessas mulheres: blusas decotadas e o contraste das peles escuras em contato com os alvos linhos são exemplos dessa ‘sensualidade’ fruto de um imaginário que até hoje entende o corpo de mulheres negras como disponível para o outro (NEGREIROS, 2021, p.137).

Em seus estudos sobre a obscenidade imposta aos corpos de mulheres pretas no livro *Black looks: race and representation* (HOOKS, 1992), Hooks discorre sobre a articulação da dominância branca que reproduz as imagens popularizadas na escravidão nos tempos contemporâneos. Desde a exposição, objetificação e hipersexualização do corpo de Saartjie Baartman à erotização de partes do corpo das mulheres negras em músicas contemporâneas, mulheres pretas vêm sendo bombardeadas com representações de si como descartáveis (HOOKS, 1992).

### **O vestuário e o estereótipo da lascividade na leitura da mulher negra**

Assume-se o vestuário como recurso inerente ao ser humano, pois é necessário vestir-se e este nada mais é que o conjunto de peças de vestir (FERREIRA, 2010); isto significa que, como recurso intrínseco à moda, uma vez que esta é a construção de uma estética composta por elementos fixos como cor da pele e gênero e não fixas como roupas e acessórios (MEZABARBA, 2015), o vestuário também é moldado pelos estigmas do capitalismo (de classe, de raça e de gênero, por exemplo).

Em sua investigação sobre gênero e vestuário na literatura, Chociay (2013) afirma que a sensualidade das descrições de moda é oriunda da relação entre o visível e o não visível do corpo feminino, uma vez que a moda é responsável por estimular o olhar masculino para certas partes do corpo feminino em uma espécie de ‘jogo esconde-esconde’ (CHOCIAY, 2013, p.222). Além disso, a pesquisadora destaca a fusão ideológica da mulher com o vestuário em virtude de a moda ser o instrumento de expressão de sua feminilidade. A relação de inseparabilidade entre a mulher e o vestuário demonstra a consolidação da fetichização do corpo feminino, pois este nada é além daquilo que o cobre ou deixa de cobrir. Em contrapartida, compreende-se que ‘o corpo feminino’ não abrange as sutilezas raciais vigentes. Hooks (1992) ressalta que essa relação opera diferentemente com a mulher negra: esta é o melhor meio de exibição das roupas porque a elas a sua imagem está *subordinada*.

Segundo Martins (2023), o conjunto social atual engessou a concepção de hiperssexualização da mulher negra no imaginário social brasileiro. O que resulta na limitação dessas tais características. Esse imaginário é reproduzido nos recursos midiáticos e nas estruturas sociais a todo momento por meio das roupas.

Isto é, seja em editoriais, em figurinos de produções televisivas ou no padrão de composição de roupa de uma menina negra na hora de sair, o vestuário é instrumento de caracterização e mantém as jovens negras atreladas ao estereótipo de lascividade. Hooks (1992) afirma também que diante das estruturas culturais contemporâneas, à mulher negra é negada a representação de domínios da beleza como, por exemplo, nas revistas de moda consagradas — nelas, seus corpos são apenas ‘espetáculo’; não são dispostos para documentar a beleza negra, e sim elucidar outras questões ou representar a ‘antiestética’ a partir de posturas que os colocam como figuras de escárnio da noção de beleza.

Nota-se que o vestuário é utilizado pelo patriarcado branco como instrumento de eufemização da hiperssexualização criada por ele mesmo, ou seja, o vestuário é uma ferramenta da dominância branca masculina para expressar seu fetiche, como no escrito de Freyre:

Os peitos gordos, em pé, parecendo querer pular das rendas do cabeção. Tetéias. Figas. Pulseiras. Rodilha ou turbante muçulmano. Chinelinha na ponta do pé. Estrelas marinhas de prata. Braceletes de ouro. Nos princípios do século XIX Tollenare, em Pernambuco, admirou a beleza dessas negras quase rainhas. E Mrs. Graham surpreendeu-lhes a graça do talhe e o ritmo do andar (FREYRE, 2003, p.396).

A partir do extrato do texto, é possível apreender a **mutação imagética da mulher negra** — ainda que camuflada de admiração e envolvida na descritividade da indumentária — quando se desvia o imaginário do instrumento vestuário para uma parte do corpo erotizada e reduz a figura da mulher preta ao seu ‘talhe’. Isto descende de uma prática naturalizada pelo racismo estrutural estudada por Hooks (1992): a sociedade branca não olha para o corpo da mulher negra como um ser humano; ela percebe somente certas partes (aquelas sexualizadas).

### **Resultados e Considerações finais**

O estereótipo de lascividade é imposto sobre o corpo feminino preto a partir da exotização da cultura da mulher negra africana desde a era colonial (GILMAN, 1985) e da objetificação de sua imagem, prática ainda perpetuada. Em seu estudo sobre as perspectivas afrocentradas, Hooks (1992) declara que diante da hiperssexualização de seus corpos, as mulheres negras resistem veementemente ou absorvem o pensamento racista

e sexista passivamente; algo nítido durante a sessão de grupo focal com as nove jovens negras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

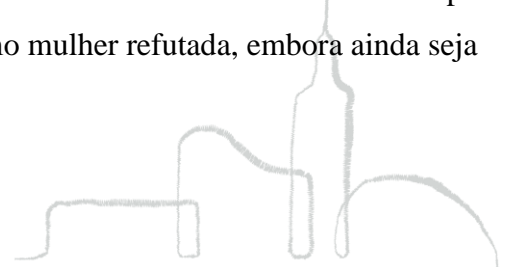
Apreendeu-se, inicialmente, a partir de seus discursos, a relutância em reconhecer a existência e a atuação de padrões de beleza racistas, como o estereótipo de lascividade. Ao passo que algumas experiências foram compartilhadas, o grupo focal se mostrou mais confortável para verbalizar seus pensamentos sobre as questões propostas. Devido à carga problemática dos temas, foi possível captar não só a imprescindibilidade de segurança e acolhimento durante a sessão, como também a subordinação da manifestação da mulher preta aos órgãos opressores, isto é: a passividade, a eufemização ou o distanciamento diante deles.

Ademais, nota-se a ciência de que o estereótipo de lascividade inflige seus corpos e que este se apresenta, desde a infância e, principalmente, na adolescência, como um desafio para a sobrevivência e adaptação ao meio (escola, igreja e outros corpos sociais). É factível também as consequências negativas da exclusão das noções de beleza e inclusão nas noções de lascividade a elas impostas: ira, alienação, distúrbios alimentares, depressão, ansiedade, estresse, distorção de imagem e dismorfia corporal são elementos presentes nas vivências das jovens.

O papel do vestuário quanto à imposição e manutenção dos estereótipos de lascividade é concebido como instrumento de inclusão no meio social embranquecido e de alienação à realidade racial. Identifica-se nas narrativas das mulheres negras a utilização do vestuário, por elas e por sua família, como ferramenta de dissociação da condição de lascividade e de alcance das demandas do padrão de beleza estabelecido. São similares as narrativas que se colocam em locais paradoxais a respeito do padrão de vestuário: há a preocupação em valorizar as curvas com roupas mais justas e modeladoras para se adequar ao molde de feminilidade e sensualidade da branquidade em contraste com o medo de se encaixar no modelo de sexualização imposto ao corpo negro.

Um fator de estresse para as mulheres negras gordas é a dificuldade em compor uma imagem confortável que estime seus corpos perante o molde da mulher branca curvilínea e evite o desconforto da exposição de partes do corpo já erotizadas (seios, glúteos e coxas). Isto, pois, sobre os seus corpos frente à sociedade contemporânea, roupas mais justas corroboram para a aproximação com o estereótipo desumanizado e racista da mulher negra, o estereótipo da Hotentote. Este, de acordo com as apurações de Gilman (1985), é a antítese da moral sexual e beleza europeia disposta no que eles acreditam ser a mais inferior forma de existência da comunidade negra.

Pensando na descentralização da heteronormatividade relacionada ao vestuário, apreende-se que à mulher preta lésbica não aliada aos moldes de feminilidade estabelecidos socialmente associa-se o medo de ter seu corpo marginalizado e o seu gênero questionado. Ou seja, ter a sua condição como mulher refutada, embora ainda seja vítima da sexualização.

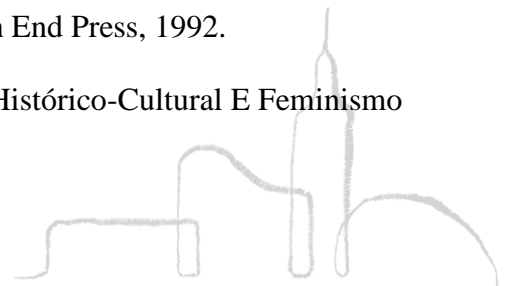


Em conclusão, absorve-se que o vestuário desempenha um papel dúbio de protagonismo e passividade na relação mulher negra-estereótipo de lascividade. Ele é um fator determinante no processo de tentativa de assemelhar-se ao padrão estético da mulher branca magra e curvilínea, todavia é incapaz de verdadeiramente incluir o sujeito no corpo social, pois o molde estético carrega valores ideológicos (leia-se eurocentrados) incoerentes com a essencialidade da mulher preta: a negritude.

À própria negritude atribui-se o estereótipo de lascividade pela ideação racista. Logo, o vestuário é concebido como ferramenta de opressão da ‘patologia branca’ (DE JESUS, 2012, p.3) sobre as mulheres negras, ao passo que elas são forçadas pelos eventos racistas e sexistas durante suas vidas a construir no vestuário expectativas falhas de serem pertencentes e desassociadas da lascividade um dia. Portanto, entende-se que na sociedade contemporânea, o vestuário é suficiente para tornar uma negra uma Hotentote, porém, significativamente, ineficaz ao torná-la respeitável como uma mulher branca.

## Referências

- BOYD, P; GOLDENBERG, J; MORRIS, K. Women as animals, women as objects: evidence for two forms of objectification. **Personality and Social Psychology Bulletin**, Beverly Hills, v. 44, n. 9. p. 1302-1314, 2018.
- NASCIMENTO, B. O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 25, p. 261- 267, 1997.
- CHOCIAIY, L. **Moda e literatura: a poética do vestuário em Macedo e Alencar**. 2013.
- DE JESUS, C. **Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco**. 2012.
- FERREIRA, A. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.
- GILMAN, S. Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 12, n. 1, p. 204–242, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1343468>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- GONZÁLEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, B. **Ain't I a Woman: Black women and feminism**. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 1981.
- HOOKS, B. **Black looks: Race and Representation**. 1. ed. Boston: South End Press, 1992.
- LEAL, L. Vestuário Enquanto Constituinte Da Personalidade: Psicologia Histórico-Cultural E Feminismo Marxista. **Contradição**, Maringá, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em:



<https://revista.unifatecie.edu.br/index.php/revcontrad/article/view/66>. Acesso em: 19 jun 2024.

MARTINS, L. **O Grito da “Mulher Do Fim Do Mundo”**: Feminismo Descolonial, Subjetividades E Rebeldias Na Vida E Obra De Elza Soares (1930 – 2022). 2023.

MEZABARBA, S. Vestuário, Moda e Consumo: algumas notas e reflexões. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 130 - 141, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Solange-Mezabarba/publication/285543912\\_VESTUARIO\\_MODALIDADE\\_E\\_CONSUMO\\_ALGUMAS\\_NOTAS\\_E\\_REFLEXOES/links/5cafdac1299bf120975f7b36/VESTUARIO-MODA-E-CONSUMO-ALGUMAS-NOTAS-E-REFLEXOES.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Solange-Mezabarba/publication/285543912_VESTUARIO_MODALIDADE_E_CONSUMO_ALGUMAS_NOTAS_E_REFLEXOES/links/5cafdac1299bf120975f7b36/VESTUARIO-MODA-E-CONSUMO-ALGUMAS-NOTAS-E-REFLEXOES.pdf). Acesso em: 19 jun 2024.

NEGREIROS, H. Histórias do vestir de Catharina Mina: costurando ideias iniciais sobre as modas de uma mulher africana no Maranhão oitocentista. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 5 n. 2, 2021.

PÊCHEUX, M. **Automatic Discourse Analysis**. Atlanta: Rodopi, 1995

PRECISAMOS romper com os silêncios | Djamila Ribeiro | TEDxSaoPauloSalon. São Paulo: TEDx Talks, 2017 (10min01s).

SANTOS, J. Classe Social e Deslocamentos de Renda no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 1. p. 79-110, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/psKB6mWgLXW7WSJSrhTZYFF/#ModalHowcite>. Acesso em: 22 set. 2023.

SANTOS, W. **Significações de mulheres pretas inseridas no mundo do trabalho em posições de prestígio social**. Dissertação — Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

